



eles dizem que o mundo foi
feito para dois

Isadora Schtruk

eles dizem

que o mundo

foi feito para dois

**Universidade Federal do Rio de Janeiro
Centro de Artes e Letras
Escola de Belas Artes**

Isadora Schtruk

**Eles Dizem que
o Mundo Foi Feito para Dois**

Rio de Janeiro
2022

Isadora Schtruk

**Eles Dizem que
o Mundo Foi Feito para Dois**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Escola de Belas Artes da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como parte dos requisitos necessários à obtenção do grau de bacharel em Artes Visuais - Escultura.

Orientador(a): Beatriz Pimenta

Rio de Janeiro
2022

CIP - Catalogação na Publicação

S382e Schtruk, Isadora
Eles Dizem que o Mundo Foi Feito para Dois /
Isadora Schtruk. -- Rio de Janeiro, 2022.
26 f.

Orientadora: Beatriz Pimenta.
Trabalho de conclusão de curso (graduação) -
Universidade Federal do Rio de Janeiro, Escola de
Belas Artes, Bacharel em Artes Visuais: Escultura,
2022.

1. arte contemporânea. 2. autorreferência. 3.
neoliberalismo. 4. redes sociais. I. Pimenta,
Beatriz, orient. II. Título.

Isadora Schtruk

**Eles Dizem que
o Mundo Foi Feito para Dois**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Escola de Belas Artes da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como parte dos requisitos necessários à obtenção do grau de bacharel em Artes Visuais - Escultura.

Apresentado em:

Aprovado em:

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Beatriz Pimenta
(Orientador - Universidade Federal do Rio de Janeiro)

Profa. Dra. Ana Luzia Cunha
(Avaliador - Universidade do Estado do Rio de Janeiro)

Profa. Dra. Dinah de Oliveira
(Avaliador - Universidade Federal do Rio de Janeiro)

Rio de Janeiro
2022

Aos meus amigos, família, professores, amor e claro, à Amanda.

“O negócio é pensar em nada, B. Olhe, nada é excitante, nada é sexy, nada não dá vergonha. A única hora em que eu quero ser alguma coisa é na porta de uma festa para poder entrar”

WARHOL, Andy. A Filosofia de Andy Warhol

Resumo

SCHTRUK, Isadora. Eles Dizem que o Mundo Foi Feito para Dois. Rio de Janeiro, 2022. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Artes Visuais - Escultura) - Escola de Belas Artes, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2022.

O presente trabalho de conclusão de curso pretende abarcar a minha pesquisa visual dentro da dupla Amanda & Isadora, onde investigo a autorreferência como um recurso de autoconhecimento e reconhecimento do mundo ao redor. Escrito na primeira e na terceira pessoa, o texto estuda a dinâmica de criação da persona artística dentro do circuito de arte contemporânea e o senso de curadoria do self nas novas mídias, o auto-design, como coloca Boris Groys (GROYS, 2008). Parto dos meus próprios trabalhos nas artes visuais para pensar essas questões teóricas e criar uma metalinguagem, tratando com ironia essa condição universal dentro das demandas neoliberais. Se o sistema capitalista, como afirma Foucault (FOUCAULT, 2000), se utiliza da população como máquina de produção, busco entender como a construção de um loop autorreferencial poderia exercer um papel biopolítico para o aumento da produção. Junto com a Amanda, me aproprio do circulacionismo, termo marxista, mas também utilizado pela artista Hito Steyerl (STEYERL, 2013), para definir modos de pós-produção das imagens contemporâneas, visando divulgar e acelerar a produção da nossa dupla, levando em conta as relações públicas do artista e da obra de arte e as demandas de uma sociedade de desempenho.

Palavras-chave: arte contemporânea, autorreferência, neoliberalismo, redes sociais

Sumário

10	Introdução
11	O que é Amanda & Isadora
13	Book de Artista
16	Fotomontagens de Infância
18	Teoria da Unificação dos Corpos
20	Entrevista
21	Conclusão
22	Notas
23	Bibliografia

Isadora Schtruk

eles dizem que o mundo foi feito para dois

Durante esses últimos anos, venho desenvolvendo um projeto chamado Amanda & Isadora, junto com a artista Amanda Pietroluongo. Nele, somos duas personalidades individuais criadas de forma complementar, para funcionar como uma personalidade coletiva. Nós juntamos, cortamos e redimensionamos nossas características e autobiografias pessoais para criar um autor único, uma marca. Assim, funcionando como um *inside view* prolongado dentro de uma situação fictícia, formada a partir de devaneios da nossa vivência em conjunto. Amanda & Isadora é um personagem, um narrador e um autor que divide uma mente única, propondo apenas um ponto de vista através de várias narrativas filtradas por uma curadoria à dois. Embora nós possamos, até certo ponto, escolher nos disfarçar nas obras, nunca podemos escolher desaparecer dentro delas, então decidimos nos evidenciar.

Em um estado biopolítico cibernético, escolhemos a autorreferência como um ponto de partida para chegar em questões estruturais da pós-modernidade. Nos envolvemos nas problemáticas que evidenciamos, porque somos personagens que também se submetem às lógicas, impossíveis de se escapar, do Capital. Amanda & Isadora usa a auto-imagem como forma de obter o que ambiciona, isso é, fama, dinheiro e reconhecimento. Não estou falando por mim, mas pela dupla, que não vê motivos para se esquivar desses desejos, justamente pela possibilidade de criticá-los e ainda sim, capitalizar em cima da crítica, que irá infinitamente comentar sobre si própria, em *loop*. Amanda & Isadora é uma entidade externa tanto à mim, quanto à Amanda, um *voice-over* em cima das nossas narrativas pessoais, controlando nossas práticas como indivíduos.

Os meios de comunicação divulgam opiniões sobre quem não encontra o seu par: “O mundo foi feito para dois”, eles dizem; foi feito para a dupla de irmãos, que nasceram e cresceram juntos destinados à fama. Também foi feito para o casal, Marina e Ulay, que protagonizaram eventos dramáticos no mundo da arte, como o reencontro emocionante dos dois no MoMA¹. A nossa prática em dupla e a criação dessa dinâmica que unifica nossas personalidades, é uma provocação à mitologia da biografia do artista como indivíduo. Ela comenta sobre a necessidade de vendermos nossas narrativas pessoais - e muitas vezes íntimas - além do nosso produto em si, que é a obra de arte. Não tínhamos nenhuma relação naturalmente adorada pela mídia, laços amorosos ou familiares, apenas interesses em comum, então decidimos fabricar essa história e apresentar uma visão alternativa da relação de duas pessoas.

Quero esclarecer a forma que encontrei para falar dessa produção, me utilizando tanto da primeira pessoa, como também tratando da nossa dupla como uma terceira pessoa do singular. Aqui nesse texto, quem está falando sou eu, nos trabalhos

que irei comentar, é ela, a dupla - no máximo nós: um *ménage à trois* entre eu, Amanda e Amanda & Isadora. Nos separar nessas categorias facilita o meu discernimento das ações que estão acontecendo. Não pretendo falar pela dupla, mas por mim que neste momento procuro ver o trabalho mais ou menos de fora. Gostaria de envolver também, como já foi supracitado, o contexto político em que vivemos; o desenvolvimento do neoliberalismo como um grande impulsionador das novas condições do narcisismo e também, da autoprodução como uma moeda de troca. Reafirmo que a persona Amanda & Isadora não necessariamente combate essas condições, mas que eu e Amanda por fora, estamos cientes delas.

Cada capítulo será referente a uma obra em específico, funcionando como pequenos textos que se entrecruzam e retroalimentam uns aos outros em suas diversas temáticas. Todos possuem o eixo central da autorreferência como um método de tangenciar questões coletivas que vão além de mim e da Amanda, mas comentando particularmente sobre como nossas ações serão sempre contraditórias, dando voltas para se tornarem antagonistas de si, sem nem precisarmos procurá-las em outras vozes. Ou seja, na produção de um conteúdo, já obtemos um comentário dentro dele próprio, que retorna e desestrutura sua questão inicial. Acredito que isso seja uma condição neoliberal de se apropriar e capitalizar em cima de suas problemáticas, como grandes corporações se utilizam de discursos sociais para benefício de seu próprio lucro.

Pretendo trazer um recorte da nossa produção, selecionando trabalhos que considero importantes para construção dessa narrativa coletiva e desse universo particular baseado na realidade, mas cheio de fantasias, que chamamos de mundinho Amanda & Isadora. Tenho a intenção de deixar a nossa produção pictórica de lado, pois sei que o Trabalho de Conclusão de Curso da Amanda já trata sobre essa questão e, como participante de uma dupla, devo saber dividir nossas vidas particulares para abranger um todo. A parte disso, fico feliz em estar tratando sobre esse lado das nossas criações, os vídeos, fotomontagens e experimentações, pois acredito que seja o lado B, mais cru, mais sarcástico e com menos limites dentro da nossa investigação artística.

Minha intenção ao apresentar textos sobre Book de Artista, Fotomontagens de Infância, Teoria da Unificação dos Corpos e Entrevista é desenvolver conceitualmente essas obras, que nunca exploramos além de pequenos parágrafos. Ao mesmo tempo que posso obter um panorama geral sobre um conjunto de produções distintas, compreendendo seus pontos em comum, seus afastamentos e suas liminaridades. Para que assim, eu possa talvez, ver de relance, o que se passa na cabeça de Amanda & Isadora, duas garotas que escolheram trabalhar juntas para esgotar suas condições imagéticas a troco da possibilidade de participar de uma micro-cultura midiática, o mundo da

arte, dentro das condições de um capitalismo tardio. Em outras palavras, decidiram participar de uma festa que só restaram confetes e garrafas vazias.

O que é Amanda & Isadora?

Sinto primeiramente, que o mais importante é dizer a nossa idade. Tenho 21 anos e a Amanda 22, é de se perceber então que não conhecemos um mundo sem o braço virtual da realidade. Desde pequenas, estivemos sobre a influência dos estímulos sem fim da internet, caindo todos os dias em buracos negros *online*. Acompanhamos a evolução dos memes durante os anos, a Era Tumblr², os ataques que se referiam a comunidades de fórum: o 4chan³, vimos a dimensão que Harambe⁴ tomou, a ascensão do TikTok⁵ e, tivemos tudo em primeira mão, com mais informação, mais detalhe e menos privacidade. Apesar disso ser essencial na nossa produção, a pesquisa que procuramos trazer não tem diretamente a internet como tema. Mas sim, sobre a existência de uma lógica produtivista que necessita infinitamente gerar mais e mais conteúdo.



Foto retirada do nosso instagram @tipicoatelie, postada em 2021

Nossa persona artística trabalha em cima disso: da distribuição de informação, criação de narrativas e construção de personalidades mediadas pelo passo acelerado da pós-modernidade. Buscamos performar o espírito do entretenimento barato da internet, do *fake until you make it*⁶ e da busca constante por atenção. Se já estamos produzindo uma personalidade externa a nós como indivíduos, decidimos que seria melhor colaborar e combinar nossas vivências do que rivalizar e separá-las para chegar a um mesmo objetivo.

Amanda & Isadora funciona como um reflexo, sobretudo, de uma cultura de celebridades tardia.

Estamos cientes como artistas, sobre o regime neoliberal no qual vivemos. Entendemos que hoje em dia, o mercado ultrapassa e dilui o limite entre a esfera do público e do privado, a partir de uma lógica que otimiza financeiramente nossos corpos, nossas relações e nossa aparência pessoal. Assim, escolhemos intencionalmente evidenciar esse processo de capitalização não apenas de uma imagem qualquer, mas de nós mesmas como trabalho de arte. Friedrich Nietzsche, afirmou certamente que é melhor ser uma obra de arte do que um artista⁷ e, seguindo esse raciocínio, nos colocamos no papel de atravessar o mundo da arte, para chegar ao mundo da mídia. Nos tornando aquilo que pesquisamos sobre, uma imagem construída por um processo de circulação.



Nuno Q. Ramalho, Visita: Típico Ateliê, 2022. 3'02"
<https://www.youtube.com/watch?v=HmpyWiVxess>

A cultura de *influencers* que conhecemos hoje em dia não é nada além de uma extensão de uma lógica que serve ao Capital. O espaço virtual da internet se torna uma arena, na qual somos os responsáveis por construir e capitalizar sobre a nossa imagem cotidianamente. Esse novo espírito do capitalismo vem se estabelecendo nas artes visuais e na cultura de massa, desde antes da internet ser uma parte essencial do nosso dia-a-dia. Isabelle Graw, comenta sobre isso ao indicar um “mundo de contatos” nos anos 1960 e 1970.

A pressão para ser bem sucedido no mercado; a pressão para comunicar, para produzir e colher informação; a pressão para se exibir, em pessoa, e para estar presente; a pressão para encenar a si mesmo de modo convincente; a pressão para parecer bem, para estar em forma, para ser seu próprio produto, para se vender e para comercializar a vida pessoal
GRAW, 2017

Hoje em dia, o artista - assim como quase qualquer um que venha a ser coberto pela mídia - é forçado a confrontar a imagem do *self*: ele precisa corrigir, mudar, adaptar e contradizer essa figura. Então, colocar uma lupa em cima dos processos de construção da persona faz parte da nossa pesquisa

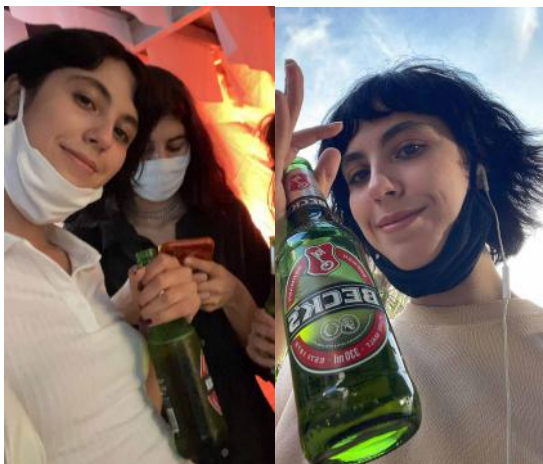
artística, porque lidar com esse contexto faz com que o trabalho sempre retorne a nós, junto com as parcelas mais íntimas das nossas vidas. Nós pretendemos evidenciar uma lógica econômica de otimização de todos os recursos, não apenas obras que são externas à nós e enxergamos a existência da vida do artista com a possibilidade de ser altamente mediada. Similar à vida sob as condições da cultura de celebridades, sendo um produto da mídia, para a mídia.

O conceito de biopolítica se dá quando o desenvolvimento do poder dominante atinge a nossa maneira de viver, modifica a nossa aparência e influencia em nossas ações cotidianas. São os métodos e estratégias de ensinar o indivíduo a se conduzir, segundo os interesses de poderes hegemônicos.

Percebe-se, conseqüentemente, que a relação do poder com o sujeito, ou melhor com o indivíduo, não deve ser simplesmente essa forma de sujeição que permite ao poder tomar dos sujeitos bens, riquezas e, eventualmente, seu corpo e seu sangue, mas que o poder deve exercer-se sobre os indivíduos, uma vez que eles constituem uma espécie de entidade biológica que deve ser levada em consideração, se queremos, precisamente, utilizar essa população como máquina para produzir, para produzir riquezas, bens, para produzir outros indivíduos. O descobrimento da população é, ao mesmo tempo que o descobrimento do indivíduo e do corpo adestrável, o outro núcleo tecnológico em torno do qual os procedimentos políticos do ocidente se transformaram.
FOUCAULT, 2000

No caso de Amanda & Isadora, isso se manifesta através da lógica de produtividade e também na sua própria crítica. Amanda & Isadora é um Homem Econômico⁸, empresário de si e capaz de um ótimo desempenho, porque encena ser o objeto final das técnicas neoliberais aplicadas sobre ele mesmo. A dupla está dentro desse sistema de consumo, mais especificamente no mundo da arte, podendo criticá-lo livremente. Isso se torna uma estratégia biopolítica quando a própria crítica é engolida pelo sistema, sendo também uma forma de produção e capitalização.

A escolha de fazer isso em dupla, se torna uma forma de negar a existência de um autor indivíduo Isadora Schtruk e de Amanda Pietroluongo como um outro, em prol de nos tornarmos uma prática colaborativa no mercado da arte, construindo assim, uma forma mais sutil de auto-design⁹. Essa dinâmica de produção é uma provocação, quando o auto-sacrifício de renunciar à autoria individual pode, quem sabe, compensar dentro de uma economia simbólica



A primeira foto foi tirada na ArtRio de 2021 e a segunda é de outra feira, a Sp-Arte, que aconteceu em outubro do mesmo ano. Na minha mão, está a cerveja Beck's, patrocinadora oficial das duas feiras e gratuita dentro do evento.

de reconhecimento e fama.

Como dupla, Amanda & Isadora dispersa o discurso de uma autoria única, ao mesmo tempo que não deixa de se considerar um único autor. Isso faz parte da construção irônica e intencionalmente contraditória de quem somos como artistas. Também estamos cientes de uma sádica lógica de mercado, enquanto abertamente tentamos nos inserir nela. Para nós, no final das contas, tudo se torna uma piada, um teatro biopolítico - mas ainda assim, um teatro - onde podemos ser quem quisermos e pesquisar o que quisermos.

Devemos assim, nos manter atentos a quem produz o que está a mostra, pois por de trás de toda manifestação narrativa, está o autor. Este, que de acordo com Michel Foucault deixa de ser apenas um nome próprio para ser designado à função-autor, exercendo um certo papel em relação ao discurso. "A função-autor é, portanto, característica do modo de existência, de circulação e de funcionamento de certos discursos no interior de uma sociedade" (FOUCAULT, 2006). O consumo de uma imagem não está distante dessas afirmações pensadas para o gênero textual, pois um nome em qualquer contexto pode significar *status*, isso significa que esse autor também deve ser pensado meticulosamente, como uma obra de arte.

Analisando quem está por trás da criação de uma narrativa, encontro um criador de discursos e um manipulador de realidades: o autor. As questões formais e até mesmo conceituais de uma obra me parecem secundárias ao reparar o protagonismo de quem as conta, aquele que fica disfarçado na sombra das histórias mas que nunca passa completamente despercebido. Posso afirmar que Amanda & Isadora tem como si própria em primeiro lugar, porque é uma obra a parte pensada por mim e pela Amanda, como um marco zero de toda a nossa produção. Dessa forma, a autoria dessa marca, que para nós é praticamente uma entidade, está completamente à mostra, mas também totalmente distorcida.



Foto no espelho postada nos nossos stories do instagram em 2021.

Book de Artista

Na pós-modernidade, o conceito de que a realidade é uma construção frágil já está difundido. Essa virada de chave geracional faz com que as pessoas, sobretudo os artistas, passem de uma postura de desconstrução a uma de reconstrução do senso de real. Agora, por mais que exista uma ideia de que o modo documental não se sustente mais como uma linguagem descritivamente real, ela pode ao menos ser uma linguagem criticamente eficiente.

Em grande medida, essa mudança foi uma resposta ao quase monopólio, por parte das corporações e dos governos, sobre o que vale como real em primeiro lugar. Com um controle do tipo, eventos criminosos ou catastróficos (guerras secretas, campanhas genocidas, ocupações territoriais, desastres ambientais, abusos contra refugiados, centros de detenção, ataques com drones e assim por diante) podem ser parcial ou totalmente excluídos de nossos campos de visão.

FOSTER, 2020

A partir disso, é possível compreender que existe uma menor preocupação com a procura de uma verdadeira realidade escondida pelas representações

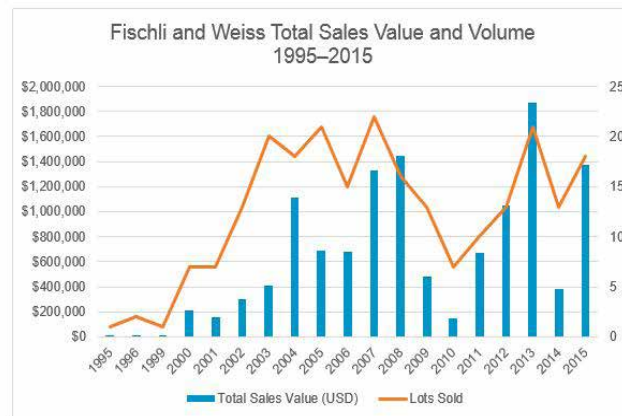
e mais interesse pelas possibilidades de reconstruir uma realidade pré-existente, mas oculta, ou colocar à mostra uma realidade ausente, por meio dessas mesmas representações que já fizemos as pazes com. Nesse sentido, a ficção serve então, não para ser uma antagonista à vida, mas uma expansão dela e também, uma ferramenta de autoconhecimento.

Book de Artista é uma série de fotografias feitas em 2021, onde eu e a Amanda aparecemos encenando nós mesmas e quem desejamos ser como uma dupla artística diante das câmeras. As fotos, que antes faziam parte de um *photoshoot* para termos uma fotografia profissional no nosso site, se tornaram um registro de performance amplamente pensado e construído a partir de referências de fotografias de outras duplas, já consolidadas no mercado. Procuramos entender como elas apareciam diante das lentes de um fotógrafo, podendo observar e estudar imagens de Fischli e Weiss, Gilbert e George, Christo e Jeanne-Claude, entre outros. Para a partir disso, nos adaptamos à imagem que queríamos construir como artistas dentro do circuito de arte.



Amanda & Isadora, Book de Artista 2021. Fotografia digital

Poderia afirmar que olhamos especificamente essas fotos para compararmos nossas relações sociais, políticas e culturais, mas não estaria sendo totalmente sincera. Ao passar desses recortes, as duplas supracitadas se apresentam economicamente interessantes para a confecção de Amanda & Isadora. O que todas essas duplas têm em comum, é o alto valor de mercado. Todos vendem suas obras na casa das centenas de milhares de dólares e é isso que a dupla manifesta para si nas fotografias.



Valor total de vendas e volume da dupla artística Fischli and Weiss, Artnet Analytics, 2016

Construímos uma nova realidade a partir de imagens, que se manifesta disfarçada no meio de um mar de outras representações do real. Essa realidade, digitalizada na internet, não é menos verdade que a aparição da foto profissional tirada de Jake e Dinos Chapman quando abrimos o Google Imagens. Book de Artista mostra a nossa construção de narrativa enquanto dupla: uma profissionalização auto-fabricada. Gosto da frase de Glissant que diz: “A Cidade de Platão é para Platão, a visão de Hegel é para Hegel, a cidade do Griot é para o Griot. Não é proibido vê-los em confluência, sem confundi-los em magma ou reduzi-los um ao outro”. (GLISSANT, 2008). Vejo isso como uma forma para nós utilizarmos do conhecimento de várias realidades possíveis para adicionar as nossas e torcer para que sejam absorvidas pelo mundo da arte.

Essa distribuição da realidade que escolhemos mostrar: em preto e branco, séria e em HD, faz parte de uma série de táticas que resolvemos aplicar para estudar até onde pode ir o controle que temos em cima da nossa própria imagem. É um passo adiante da construção da persona pelo nome, pois agora nesse ponto, se trata da construção da persona por meio da imagem. Essa performance se estende para além do registro, ela também se dá quando combinamos de usar apenas roupas beges e brancas em dias de vernissage, porque observamos que o artista carioca trocou a gola alta pelo linho da Osklen, ou quando decidi pintar o cabelo de preto novamente por parecer mais atemporal nas fotografias das galerias.



Bruno Ryfer, 2020. Fotografia tirada na Vernissage de Ivan Grilo e Elle de Bernardini na galeria Luciana Caravello em março de 2020.



Amanda & Isadora, Book de Artista 2021. Fotografia digital.

Book de artista segue uma lógica de circulacionismo, no sentido atribuído por Hito Steyerl - “O circulacionismo não é sobre a arte de criar uma imagem, mas de pós-produzir, lançar e acelerá-la. É sobre as relações públicas das imagens através de redes sociais, sobre propaganda e alienação, sobre ser vazio do jeito mais sutil possível.” (STEYERL, 2013). A obra não se faz no momento de pré-produção, nem de produção, mas sim a partir de seus efeitos posteriores. Nossa performance se ativa quando a colocamos no portfólio, ao lado da mini bio, quando as enviamos para os editais, ou quando um possível comprador nos encontra no fim do catálogo, após ver uma longa lista de preços, que também foram fabricados por nós, para nos legitimar.



Foto de perfil de Jake e Dinis Chapman no site de vendas <https://www.seditionart.com/>, 2022

Arthur Danto coloca de maneira brilhante que o mundo da arte está para o mundo real, como a Cidade de Deus está para a Cidade Terrena. Onde alguns objetos, como também alguns indivíduos, desfrutam de uma dupla cidadania¹⁰. Buscamos criar atalhos para fazer parte desse clube, onde apenas alguns podem se associar e aplicar como membros. A produção de arte depende menos da arte, do que das relações que criamos e Book de Artista se alavanca como um voto de confiança, uma imagem sóbria - ao mesmo tempo que carinhosamente apelidada como *soft porn* nos bastidores - com o propósito de fazer parte desse processo narrativo de inserção no circuito. São imagens pré-planejadas e pós-produzidas para sustentar pictoricamente o ato sutil mas severo de nos declararmos como artistas dentro de um mercado, da maneira que desejamos que funcione apreensão da dupla pelos outros.

Fotomontagens de Infância

A obra Fotomontagens de Infância parte de fotos da nossa infância manipuladas digitalmente. As nossas narrativas pessoais são distorcidas, acrescentando fantasia a um processo inevitável de formação da mitologia de artista. A partir dessa materialização de

memórias falsas, exploramos as possibilidades da montagem dentro do discurso imagético e artístico. Buscamos comentar os aspectos sociais da farsa a partir da reorganização de lembranças inverificáveis. A obra é um trabalho de manipulação digital, um porta-retrato que exhibe fotografias, de primeira impressão nada suspeitas, apresentando Amanda & Isadora como amigas de longa data, durante a infância. Dessa forma, a obra fabrica memórias e retorna às questões de criação de identidade e de manipulação visual discursiva.

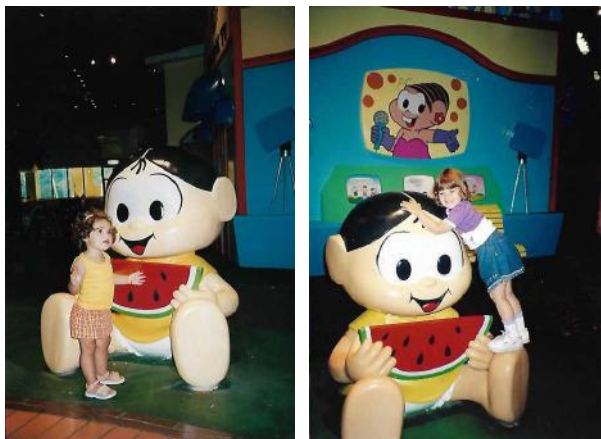


Amanda & Isadora, Fotomontagens de Infância 2021. Fotomontagem.

“A metaficção é uma ficção sobre a ficção, isto é - uma ficção que inclui dentro de si mesma um comentário sobre sua própria narrativa e/ou identidade linguística” (HUTCHEON, 1980). Ou seja, se trata do fenômeno de produzir algo que está autoconsciente de sua condição como linguagem. As fotomontagens de infância se colocam nesse espaço quando se afirmam como mentiras orgulhosamente expostas sobre a nossa vida. Elas contam, ao mesmo tempo que comentam, uma história inventada para nosso benefício próprio - uma história que já vimos funcionar antes - a do encontro de almas destinadas a traçarem uma trajetória conjunta: De algo que está escrito nas estrelas.

Ela anda de mãos dadas com a história do artista gênio, que pintava quadros hiper-realistas aos nove anos de idade, sendo apenas uma variação dos contos que escutamos ao longo da nossa vida, na fronteira do mundo da arte. Parece muito mais interessante construir a ideia de que nos conhecemos desde pequenas, fadadas a uma carreira de sucesso conduzida praticamente do berço, do que contar que nos conhecemos só há alguns anos atrás, pelo acaso. Mais do que uma preocupação com a verdade, exploramos as possibilidades infinitas da mentira,

que quando bem contadas se tornam fofocas, depois rumores, depois verdade. Nós poderíamos não revelar essa parte, mas as fotomontagens, especificamente, são a celebração orgulhosa da nossa história, afetuosamente manufaturada.



Fotos originais utilizadas para a criação das Fotomontagens de Infância.

“Na era das *fake news*, conseguimos enxergar como o mundo está imbuído de estilhaços de imagens antigas, bem como imagens editadas, photoshopadas, remendadas a partir de *spam* e sucata.” (STEYERL, 2013). Com facilidade podemos editar nossa própria noção de verdade e colocá-las à mostra em uma rede de auto-ficções que se estendem pela mídia. Isso é o reflexo de uma cultura de massa que está em um buraco cada vez mais fundo de auto-referência, onde tudo pode ser considerado metalinguístico. A metalinguagem, por sua vez, é a linguagem sobre a linguagem, ou seja, uma linguagem que se refere a ela própria. Como por exemplo, uma pintura de alguém pintando, ou uma foto de alguém se fotografando. A pós-modernidade evidencia esse estado refletor, uma estratégia biopolítica que favorece uma infinita produção de imagens que se auto-referenciam, em forma de *loop*.



Amanda & Isadora, Fotomontagens de Infância 2021. Fotomontagem

“Editar e pós-produzir se torna um dispositivo crucial para contar a história, para desmembrar e rearticular corpos individuais e coletivos, para separar e rearranjar de acordo com uma eficiência econômica” (STEYERL, 2012). O corpo industrial de Amanda & Isadora em Fotomontagens de Infância é abstrato, artificial e alienado. Um corpo livre de genealogia e origem, livre de memória, culpa e dívidas - precisamente por ser artificial e composto. A recombinação de partes cortadas na fotografia produz um corpo sem sujeito e sujeição, afirmando totalmente a sua composição artificial, ao mesmo tempo que se abre aos fluxos de uma nova forma de contar a história. Fotomontagens de Infância é uma realidade que só existe na edição - e pela edição - dos elementos fotográficos e também dos corpos fotografados.



Fotos originais utilizadas para a criação das Fotomontagens de Infância

Eu e a Amanda não tivemos esses eventos de vida em comum, mas sim, os álbuns de fotos guardados na gaveta da casa de nossos pais. Tirar e guardar fotos de família é um hábito recorrente e a partir de nossas crônicas familiares individuais, fomos possibilitadas de fabricar as nossas vivências coletivas. As fotos de infância nos dão a posse imaginária do nosso passado, são objetos que, através da imagem, projetam histórias familiares e íntimas. As Fotomontagens de Infância são conscientes desse desejo de proteger um momento afetivo e se utilizam disso como um recurso. De forma apelativa, se validam como uma autobiografia emocional dentro de um sistema sedento por conteúdo comercial.

Uma sociedade se torna “moderna” quando uma de suas atividades principais consiste em produzir e consumir imagens, quando imagens que têm poderes excepcionais para determinar nossas necessidades em relação à realidade e são, elas mesmas, cobichados substitutos da experiência em primeira mão se tornam indispensáveis para a saúde da economia, para a estabilidade do corpo social e para a busca da felicidade.
SONTAG, 1983

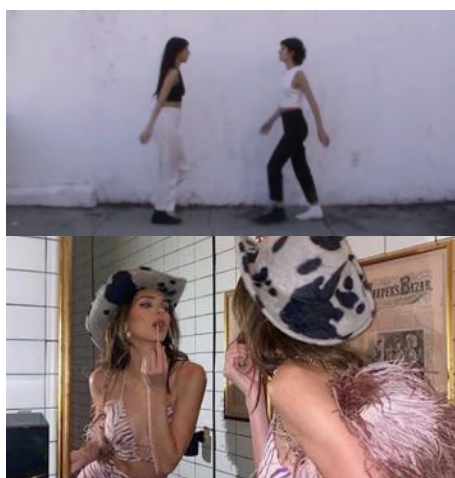
A nossa obra, que busca cumprir a função de impulsionar a mitologia do artista contemporâneo,

provoca a necessidade de confirmar a realidade por meio da fotografia. Nós sabemos do pungente anseio de beleza - não só da foto em si, mas da narrativa que a foto traz consigo - e também da facilidade que teríamos de convencer, por meio da fotografia, que tudo o que contamos é um fato real. Fotomontagens de Infância é um recorte da nossa trajetória artística, que se embola em nossa própria existência para transmitir pensamentos auto-referentes programados como um reflexo sociológico sem escapatória.

Teoria da Unificação dos Corpos

Convergência de pronomes pessoais em uma única palavra euvocê, vocêeu mistura, hibridização, contaminação recíproca numa só coisa. êxtase do objeto, síntese ideal do desejo. instrumento de negociação para ações de uma alteridade incorporada, em fuga
BASBAUM, 2005

Teoria da Unificação dos Corpos foi a nossa primeira aparição como artistas diante de uma filmadora. Trata-se de uma intercalação entre um vídeo de nós nos chocando e fotos frenéticas provenientes da internet. Nós utilizamos o choque do nosso corpo para ilustrar um *zeitgeist*¹¹, onde o mundo virtual não é mais uma novidade, mas sim uma banalidade enraizada dentro de uma cultura de massa. Acredito que essa seja a obra que fale de maneira mais honesta sobre a atuação de nós duas como indivíduos, e aborda de maneira franca nossa criação e amadurecimento pré-dupla, até o momento em que nos encontramos e nos tornamos um personagem só.



Amanda & Isadora, Teoria da Unificação dos Corpos, 2022. 2'14"
<https://www.youtube.com/watch?v=RaxwXAeXpZ4>

Sinto que é necessário evocar o termo Pós-Internet, a condição temporal cujo a arte virtual não pode mais ser distinguida como estritamente baseada em computador/internet, mas sim, pode

ser identificada como qualquer tipo de arte que é de alguma forma influenciada pela internet e as mídias digitais. "A Pós-Internet é um momento, uma condição, uma propriedade e uma qualidade que abrange e transcende as novas mídias" (OLSON, 2013). Sendo assim, um resultado do momento contemporâneo: inerentemente pela onipresença da autoria, o desenvolvimento da atenção como moeda de troca, o colapso do espaço físico na cultura do *network* e a infinita reproduzibilidade e mutabilidade dos materiais digitais.



Amanda & Isadora, Teoria da Unificação dos Corpos, 2022. 2'14"
<https://www.youtube.com/watch?v=RaxwXAeXpZ4>

Eu já comentei antes nesse texto que nós como dupla, não pretendemos fazer arte sobre a internet, mas independente disso, algo que não podemos fugir é o fato de fazermos parte de uma das primeiras gerações que cresceram com acesso ilimitado ao digital. Nossas narrativas não conseguem escapar de nossas biografias e essas por sua vez, não conseguem escapar da influência que estar constantemente na internet possui sobre nossa formação. Isso com certeza tem suas problemáticas, mas gosto de pensar na Teoria da Unificação dos Corpos em um tom celebratório, um encontro de almas *online*, com uma sensação de pertencimento que só a internet pode nos conceder. Teoria da Unificação dos Corpos é como um fórum extremamente específico do Reddit¹², onde as pessoas se unem por suas particularidades em comum.

Apesar de tratar questões contextuais, Teoria da Unificação dos Corpos é um trabalho que considero *group specific*¹³. "O grupo depende de ligações e linhas invisíveis - pertencentes ao afeto e forças similares - que precisam ser permanentemente renegociadas por seus membros" (BASBAUM, 2005). Aqui, falamos sobre as conexões e mutabilidades entre eu e a Amanda a partir do encontro de nossas referências pelos tortuosos caminhos da *World Wide Web*. A fusão só funciona para nós pelo fato de termos a internet como um fator indissociável na formação do nosso caráter individual. O nós, como afirma Basbaum, é um pronome ao mesmo tempo que um ponto de entrelaçamento - que se utiliza de forças externas verdadeiramente constitutivas dos processos de transformação¹⁴, assumimos que a nossa técnica de sobrevivência como Amanda & Isadora depende

completamente do processo de ligar sucessivamente mais e mais nós.



Amanda & Isadora, Teoria da Unificação dos Corpos, 2022. 2'14"
<https://www.youtube.com/watch?v=RaxwXAeXpZ4>

Além disso, Teoria da Unificação dos Corpos busca trazer à tona os achados da internet, para conectar o que é impossível de conectar através do arquivo e procurar tornar - mesmo que de uma forma micro-fragmentária - uma informação histórica, muitas vezes perdida ou deslocada, fisicamente presente. Menos pelas imagens em si, mas pelo processo de evidenciar esse impulso do arquivo¹⁵, ao selecionar e trazer imagens esquecidas. Com essa tentativa de resgatar a memória da internet, não como um totalizante de ações, mas pequenos fragmentos que evocam uma aura, percebemos que nossas conexões corpóreas funcionam como os deslocamentos de informação virtual.

Ao sondar um passado deslocado, analisar seus diferentes sinais - às vezes pragmaticamente, às vezes parodicamente - e averiguar o que pode permanecer no presente é o ponto de encontro entre a vídeo-performance e as imagens de arquivo. A obra é ativada a partir de uma rede desconexa de imagens e ideias e forma uma colagem que comenta sobre ela própria, no caso, o encontro de referências que estabelecem a noção de uma cultura virtual. Afinal, a Pós-Internet traz consigo esse caráter da auto-referência, ela encapsula e transporta as condições da rede até tão longe que transcende a própria internet e se realoca nas relações interpessoais, chegando até Amanda & Isadora.

Entrevista

Por fim, chegamos à Entrevista, um vídeo onde, dentro de um espaço vazio, nossos corpos piscam como um *glitch* no divã. O áudio reverbera um diálogo confuso, onde se escuta algumas explicações nem um pouco assertivas sobre a nossa produção como Amanda & Isadora. Esse recorte de som se formou a partir de nós tentando gravar uma entrevista - a pedidos de uma terceira pessoa - contando quem somos nós, o que pesquisamos e o que produzimos. Não conseguimos passar do nosso nome e desistimos de enviar o produto final, mas ficamos com horas de material de áudio. Na verdade, eles conseguiram mostrar uma interação muito mais fiel à nossa identidade, do que o que estávamos tentando falar dentro de um script, tínhamos registrado ali um momento diário de

confronto entre indivíduo e persona - quem éramos e quem queríamos ser, o que pesquisamos e o que queríamos pesquisar e o que produzimos e o que queríamos produzir.

A busca por legitimação norteia muitos aspectos do nosso trabalho, então estamos constantemente tentando nos provar para o mundo da arte. A entrevista nunca foi enviada de volta para quem a aguardava, porque resolvemos não dialogar, não fazer uma curadoria de nossa auto-imagem que nunca corresponderia ao nosso padrão imaginário de desempenho.

Hoje em dia, somos incapazes de gostar de nós mesmos se não somos queridos pela sociedade em que vivemos. E em nossa sociedade temos que nos tornar ativos se quisermos ser objetos de admiração dos outros. Os sujeitos contemporâneos não podem contar apenas com a aparência com que nasceram: eles devem praticar o autodesign e produzir sua própria imagem com o objetivo de serem apreciados pela sociedade.
GROYS, 2017

A nossa experiência dentro do que consideramos o mundo da arte, é apenas o reflexo de uma vivência em sociedade. Sentimos a necessidade de pensar em tudo, até esgotar a reflexão a partir de nós mesmas. Além disso, a produção se alavanca para fora dela própria e começa a valer para tudo, nos deixando sem descanso dessa condição, que hoje é universal.

O trabalho, a subjetividade e a vida social não estão mais fora da lógica do Capital e nem antagonistas a ela, mas são imediatamente produzidos como parte desse raciocínio. Não conseguem resistir às depredações do Capital, porque eles próprios já são funções dele. Como Foucault coloca: "ser um empreendedor, um empreendedor de si mesmo, ser o seu próprio Capital, ser seu próprio produtor, ser sua própria fonte de ganho". Tudo deve ser medido e tornado comensurável, através de alguma forma de equivalente universal: dinheiro ou informação.

A arte, dentro dessa lógica, é concebida como uma fábrica de produtividade sem fim e ainda é vista como algo surgido através de um processo doloroso e misterioso, diretamente do cérebro de nós artistas. Como resultado, essa mesma concepção de liberdade que em outro momento, impulsionou as várias vanguardas, passou a regular uma lógica de mercantilização, ou mais que isso, nos encorajou a ver essa lógica como a própria definição da liberdade. Nós ainda adoramos o gênio único, louco e torturado - e isso dá uma volta em sua própria problemática, nos tornando produtos e produtoras de algo que nós mesmos detestamos, o estar constantemente em



Está enraizado na nossa cabeça a necessidade de estar sempre produzindo, sempre estar cheia de certezas sobre a nossa pesquisa e sempre se movendo à diante. Foi extremamente frustrante empacar dessa maneira em Entrevista - constrangedor até - mas estávamos exaustas de nós mesmas. "A sociedade do desempenho e a sociedade ativa geram um cansaço e esgotamento excessivos. [...] O cansaço da sociedade do desempenho é um cansaço solitário, que atua individualizando e isolando" (HAN, 2010). A prática em dupla faz com que nossos pensamentos individuais sejam excretados em voz alta e lançados para a percepção do outro, mas ainda nos sentimos extremamente dissociadas e perdidas entre a ficção e os fatos reais.

Em contraponto, as conversas entre nós duas, fora da pressão criada por nós de ser um personagem para os outros, são um momento importante neste nosso ensaio de entrevista que está sempre acontecendo. Na maior parte do tempo estamos nesse modo prática, porque ele é onde nós podemos estar em contato uma com a outra, onde nós podemos ser amigas. As coisas acontecem enquanto nós estamos tendo conversas contínuas e passando tempo juntas, até que então, de vez em quando, há um congelamento do que já aconteceu. As obras que produzimos surgem das nossas vidas, ao mesmo tempo que exploramos nossa juventude, o mundo da arte e o das imagens. Não é que a Amanda seja a solução para os meus problemas, medos e anseios, mas a nossa união como dupla faz com que seja possível eu sentir de outra maneira, algo que eu nunca poderia experimentar sozinha.



Amanda & Isadora, Entrevista, 2022. 1'59"
<https://www.youtube.com/watch?v=y-UopJMZSmg>

Conclusão

Com esses escritos em mãos, consigo perceber o verdadeiro papel do contexto político e social na nossa produção artística. Apesar de estarmos constantemente afirmando sobre a existência desse universo paralelo, onde as únicas habitantes são Amanda & Isadora, ele não é nada além de um reflexo exacerbado das condições estabelecidas durante a nossa vida. Exageramos e amplificamos todas essas possibilidades de falar sobre si, porque vemos o mundo com lentes individualizadas e específicas,

produzidas a partir de dados individualizados e específicos. A realidade que nos foi apresentada desde a infância, foi pós-produzida dentro de uma bolha de múltiplas outras vidas on-line, que pudemos acompanhar, desviar, copiar e/ou invejar.

A persona Amanda & Isadora, criada por mim e pela Amanda sonha com a validação do mundo da arte e caso isso não aconteça, será incapaz de se sentir completa. Por mais que muitas vezes essa condição sombria seja expressada em tons de ironia, vejo isso tudo como uma desilusão desesperada. A dupla Amanda & Isadora está disposta a abandonar o seu passado, para construir uma nova narrativa que condiz melhor com as demandas do mercado, além de não enxergar problemas em se utilizar de seus privilégios para conseguir o que ela quer. Basicamente, Amanda & Isadora é um ente autocentrado, que vive para desfrutar de tudo que o universo material pode oferecer, caso jogue o jogo da maneira certa.

Porém, por fora de nossas fantasias particulares, estamos pontuando uma inquietação perante a forma que nós, socialmente, pensamos e construímos as imagens. Percebemos que a metalinguagem se tornou um veículo de produção infinita, pois possibilita uma espiral constante de imagens que derivam uma da outra em fluxo imparável. Isso coloca em perspectiva a atuação biopolítica desse termo e conseqüente de sua ascensão, como eu e Amanda temos observado ao longo desses anos trabalhando em conjunto. Com essa figura de linguagem não é preciso criar nada do zero, facilitando todos os processos mercadológicos em torno da produção. De certa forma, o "Meta", soluciona a falta de progresso linear na pós-modernidade, apresentando o loop como um recurso para continuarmos produzindo.

Entretanto, essa personagem que fabricamos habita nesse limiar entre a crítica e a celebração, onde eu e Amanda resolvemos brincar com os significados da metalinguagem dentro das novas mídias. Temos um olhar crítico sobre a autorreferência, então nos utilizamos da autorreferência. Questionamos a necessidade do auto-design, então nos utilizamos do auto-design. Eu apontaria isso como a chave do método de produção da nossa pesquisa; a necessidade de se deslocar para o outro lado e ser além do pesquisador, o objeto de estudo. Existem questões éticas para isso, eu entendo que afirmar essa distância entre eu e Amanda, para a existência de Amanda & Isadora é um caminho fácil para escaparmos das nossas responsabilidades, mas prefiro me tornar responsável por essa afirmação do que fazer com que Amanda & Isadora permaneça fiel a todas as questões das nossas vidas particulares.

Dito isso, esse texto não deixa de seguir uma dinâmica parecida com a que eu expliquei acima. Estou pesquisando sobre nossa dupla, mas também sobre a minha existência e isso sempre irá acontecer.

Às vezes me vejo mais de longe, às vezes mais de perto, mas sempre sendo uma pessoa fabricada a partir de diversas influências externas juntas ao acaso. Acredito que a autorreferência seja uma ferramenta biopolítica, mas se subvertida, torna-se um poderoso instrumento de autoconhecimento. Olhar para si mesmo é enxergar os efeitos da sociedade no indivíduo, sendo cada um de nós uma pequena coleção de fragmentos extrínsecos, um trabalho excepcional de pós-produção. Ser o seu próprio objeto de estudo é passível de identificação pelo outro e estamos constantemente trabalhando para fazer isso de maneiras cada vez mais sofisticadas e claras.

Não posso ser a Isadora de Amanda & Isadora, porque isso exigiria de mim a ignorância que me foi arrancada depois de alguns anos de estudo dentro e fora da faculdade. Por livros, conversas entre amigos e professores, vernissages, festas esquisitas e exposições, fui me afastando cada vez mais da percepção da dupla de visar principalmente o lucro - não apenas financeiro, mas de poder e visibilidade - acima de tudo e todos. Nós decidimos criar essa persona em busca de entender e questionar o nosso meio de trabalho por meio da fabricação de uma vida pessoal, já que ele é extremamente particular quando se observa a mistura dos negócios com a vida. Amanda & Isadora conseguem achar um pouco de champanhe para beber nessa festa de doces e garrafas vazias, enquanto Amanda e Isadora são críticas demais para atender ao evento.

Notas

1 Me refiro à Marina Abramović e Ulay, um dos casais mais emblemáticos no mundo da arte contemporânea. O reencontro dos dois aconteceu depois de passarem mais de vinte anos sem se falar, quando Ulay fez uma aparição surpresa em *The Artist Is Present*, performance de Abramović realizada em 2010 no Museu de Arte Moderna de Nova York.

2 Rede social que permite aos usuários publicar e reblogar posts curtos e fotos. Seu principal diferencial é a natureza de forma livre do site e a capacidade de personalizar fortemente suas próprias páginas. Entre 2013 e 2016, surgiram as *Tumblr Girls* (Garotas Tumblr), um certo tipo de adolescente atormentada que usava da rede social para contar suas angústias, medos e segredos, solidificando um estilo sombrio e melancólico de se vestir e se expressar tanto na internet, quanto fora dela. A Era Tumblr, então, também foi marcada com essas características.

3 Um site que funciona por meio de diversos fóruns de discussão, onde qualquer pessoa pode publicar, comentar e compartilhar imagens anonimamente. Sem nomes, com poucas regras e consequências, esse site foi palco de várias controvérsias por abrigar discursos de violência, vazamento de nudes e a comunidade incel. Em 2018, Alek Minassian atropelou quinze pessoas, matando onze na cidade de Toronto, Canadá. Antes disso, fez um post no Facebook se referindo ao 4chan e

endossando os incels, que é uma abreviação para *involuntary celibacy* (celibato involuntário), uma subcultura virtual formada por homens, através de fóruns na internet, que culpam a sociedade por sua incapacidade de encontrar parceiras sexuais e/ou românticas.

4 Em 2016, um gorila chamado Harambe foi morto a tiros no Zoológico de Cincinnati, EUA, depois de uma criança cair em seu recinto. Após a notícia ser espalhada na internet, pessoas do mundo todo se mostraram emocionadas e indignadas com a situação, se tornando um caso viral de violência contra os animais e negligência parental. Porém com a dimensão desproporcional que o assunto tomou, foram se formando memes sobre a espetacularização do evento, uma crítica intencional ou não sobre as prioridades absurdas da política performativa neoliberal e da histeria em massa online que muitas vezes a caracteriza.

5 Sendo o aplicativo mais baixado do ano de 2020 e 2021, o TikTok se tornou um fenômeno cultural. A rede social popularizou os vídeos de formatos curtos e sofisticou as recomendações realizadas por algoritmos, tornando-se a plataforma virtual preferida da Geração Z.

6 Trad. "Fingir até conseguir"

7 NIETZSCHE, Friedrich. O nascimento da tragédia ou Helenismo e Pessimismo. Tradução de J. Guinsburg. São Paulo: Companhia das Letras, 1992. p.31

8 *Homo Economicus* é uma abstração teórica que alguns economistas usam para descrever um ser humano racional. Em certas teorias econômicas, como as de John Stuart Mill as pessoas são retratadas como tomadoras de decisão ideais com total racionalidade, acesso perfeito à informação e objetivos consistentes e de interesse próprio - é isso que configura o Homem Econômico quando eu descrevo o comportamento de Amanda & Isadora.

9 De acordo com Boris Groys, o auto-design é a prática de produzir e realizar uma curadoria de sua própria imagem.

10 DANTO, Arthur. *The Artworld In: The Journal of Philosophy*, Vol. 61, No. 19, American Philosophical Association Eastern Division Sixty-First Annual Meeting. (Oct. 15, 1964), pp. 571-584. p 582.

11 O termo *zeitgeist* muitas vezes é traduzido para o português como "espírito do tempo", ou seja, se refere a uma aura de um particular período da História, conforme às ideias e crenças daquela época.

12 Assim como o 4chan, também é um site que funciona por meio de diversos fóruns de discussão. A plataforma é dividida em várias comunidades chamadas de *subreddits*, onde residem discussões com temáticas bastante específicas, variando de dicas sobre filmes e música, para discussões sobre sadomasoquismo. Porém, ao contrário do 4chan, o Reddit exige uma conta de registro para interagir com o conteúdo do site,

tornando-o mais controlado.

13 Ou seja, que leva em conta e é definido a partir da especificidade de cada grupo ou pessoa. Basbaum ao cunhar *group specific*, decidiu mantê-lo em inglês para continuar fazendo relação com o termo *site-specific*, expressão da língua inglesa que não costuma ser traduzida para o português. Também decidi manter dessa forma no meu texto.

14 BASBAUM, Ricardo. Diferenças entre nós e eles. In: Entre lugares: arte e pensamento. Colóquio do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Literatura da UFRJ, 2005a. Disponível em: <https://bit.ly/3kV4LsA>. Acesso em: 16 de março de 2022. p. 7

15 No ensaio de 2004, "An Archival Impulse", Hal Foster traçou uma distinta tendência para o uso de informações históricas e organização arquivística dentro da arte contemporânea. Citando Thomas Hirschhorn, Foster acreditava que o desejo de arquivar é "conectar o que não pode ser conectado".

Bibliografia

BASBAUM, Ricardo. *Diferenças entre nós e eles*. In: Entre lugares: arte e pensamento. Colóquio do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Literatura da UFRJ, 2005a. Disponível em: <https://bit.ly/3kV4LsA>. Acesso em: 16 de março de 2022.

DANTO, Arthur. *O mundo da arte*. Trad. Rodrigo Duarte. Artefilosofia. n 1. UFOP. 2006.

FOUCAULT, Michel. *O que é um autor?* Trad. António F. Cascais e Eduardo Cordeiro. 6ª ed. Lisboa: Nova Vega, 2006.

_____. *The Birth of Biopolitics: Lectures at the College of France, 1978-1979*. ed Michel Sennelart, trans. Graham Bruchell, Nova York, 2010

FOSTER, Hal. *O que vem depois da farsa?* Tradução: Célia Euvaldo. São Paulo: Ubu editora, 2021.

_____. *An archival impulse*. Cambridge: MIT PRESS, 2004

GLISSANT, Édouard Costa, K. P., & Groke, H. de T. (2008). *Pela opacidade*. Revista Criação & Crítica, (1), 53-55.

GRAW, Isabelle. *Quando a vida sai para trabalhar: Andy Warhol*. Ars, São Paulo, ano 15, n. 29, p. 244-261, 2017. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/ars/article/view/131505/127941>. Acesso em: 4 mar, 2022

GROYS, Boris. *The obligation to self design*. In: Revista E-flux, ed. O. Disponível em:

<https://www.e-flux.com/journal/00/68457/the-obligation-to-self-design/>. Acesso em: 4 mar, 2022.

_____. *Self-Design, or Productive Narcissism*. In: Revista E-flux, ed. Superhumanity. Disponível em: <https://www.e-flux.com/architecture/superhumanity/66967/self-design-or-productive-narcissism/>. Acesso em: 19 mar, 2022.

HAN, Byung-Chul. *Sociedade do cansaço*. Tradução de Enio Paulo Giachini. Petrópolis: Vozes, 2015.

HUTCHEON, Linda. *Narcissistic Narrative: The Metafictional Paradox*. Waterloo, Ontario: Wilfrid Laurier University Press, 1980

NIETZSCHE, Friedrich. *O nascimento da tragédia*. Tradução de J. Guinsburg. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

OLSON, Marisa. *Postinternet: Art After the Internet*, Foam Magazine 29, Winter 2011, pp 59-63; repr. in *Art and the Internet*, London: Black Dog, 2013.

STEYERL, Hito. *Too Much World: Is the Internet Dead?*. In: Revista E-flux, ed. 49. Disponível em: <https://www.e-flux.com/journal/49/60004/too-much-world-is-the-internet-dead/>. Acesso em: 4 mar, 2022.

_____. *The Wretched of The Screen*. Berlin: Sternberg Press, 2012.

SONTAG, Susan. *Ensaio Sobre a Fotografia*. São Paulo: Companhia das Letras, 1983